

COMPREENSÃO DO FUTURO E DAS EXPECTATIVAS

Daniel Felix da Costa Jr.
Doutorado/UFF
Orientadora: Solange Coelho Vereza

Introdução

Muito do que se entende sobre o tempo depende de metáforas e de outros tipos de associações mentais. É como se o ente temporal necessitasse de um grau de abstração diferente daqueles prestados às entidades físicas. E mesmo que a Teoria da Relatividade de Einstein leve a uma noção de quase materialidade do tempo no espaço, seria difícil trazer ao cotidiano essa noção circunstancial da materialidade temporal. O sujeito corriqueiro ainda depende de uma relação menos pretensiosa para compreender o tempo, a desprover-se de apetrechos de mensuração espaço-temporais e da concretude da relatividade, sendo a linguagem o caminho mais óbvio dessa relação.

Ao longo de três décadas, a Linguística Cognitiva tem-se empenhado na investigação de articulações sociomais e fortalecido a hipótese dos seus elementos teóricos, como *frames*, metáforas conceptuais e conexões de espaços mentais. O conceito de tempo não passaria incólume por essas investigações. As relações entre os domínios cognitivos do espaço e do movimento ressoam como as mais comuns da abordagem: metáforas do “tempo movente”, do “observador movente” e da “orientação temporal”, presentes em Lakoff e Johnson (1999); além da metáfora do “tempo como espaço” e de sua aparente tridimensionalidade, presentes em Radden (2003). O conceito de tempo é uma experiência fenomenologicamente real nas diversas culturas do mundo, embora, segundo Lewandowska-Tomaszczyk (2016, p. xix), não seja conceptualizado de maneira universal pelos mesmos *frames*.

A questão do tempo *per se* não é objeto de estudo aqui, mas a vinculação de algumas emoções a aspectos do tempo. A escolha investigativa pretende retomar o papel basilar da emoção na cognição humana, conforme atesta Johnson (2007, p. 9), e

dar-lhe substância equivalente aos demais elementos teóricos da cognição. Considerando que o futuro é um aspecto do tempo com compromisso passional mais evidente, voltamos a ele porque a linguagem utilizada não remete a objetos ou eventos factuais que se possam comprovar estabelecidos. Ainda assim, o critério de futuro a que nos referimos não se orienta pelas expressões gramaticais de futuridade, mas apenas a peculiaridade de sentimentos expressos voltados a objetos não factuais de possibilidade futura.

Quanto a isso, partimos de uma formulação mencionada em Searle (2002, p. 44) que não costuma ser muito defendida pelo filósofo:

$$(1) \text{Exp}(p) \leftrightarrow \text{Cren}(\text{Fut } p)$$

Segundo a qual a expectativa estaria em bi-implicação com a crença futura. Em outras palavras: há uma expectativa (p) *se e somente se* houver a crença em futuro (p). Temática que se complementa com a constatação de Cagliari (2015, p. 125) “A expectativa tem a ver com o processamento mental [...] e apesar de sua notável presença na linguagem, ainda é um campo pouco explorado na semântica.”

O objetivo desta pesquisa, ainda em fase embrionária, é entender a presentificação da expectativa na expressão de emoções e nos recursos linguísticos a ela vinculados. Nesse intuito, visa a responder:

- a) Qual o papel da experiência subjetiva na compreensão de fatos prospectos?
- b) Quais metáforas e demais recursos cognitivos são acionados pelo conceptualizador?

Mediante o axioma da simetria da lógica modal ($A \rightarrow \Box\Diamond A$) e alguns exercícios de derivação da fórmula da expectativa supracitada, chega-se ao argumento que deve ser perseguido ou refutado no decorrer desta pesquisa, a saber, a necessidade de que seja possível um objeto futuro qualquer:

$$(2) X(p) \rightarrow \Box\Diamond\text{Fut } p$$

A experiencição corpórea do indivíduo com o mundo, que reflete a teoria de metáforas universais e primárias de Grady (1997), ainda desponta como paradigma de

investigação em muitas pesquisas sobre conceptualização do tempo. Defende-se, então, que as metaforizações de movimento e as conexões de espaço mental possam auxiliar nas respostas às questões levantadas.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa pretende-se de viés qualitativo, como a maioria das pesquisas da área sociocognitiva. Alia o método de introspecção à análise de *corpora*, como concebe Talmy (2000). E vem-se debruçando sobre os casos sintagmáticos com menor nível de metaforicidade, o que, na perspectiva de Dienstbach (2017, no prelo), seriam casos em que as metáforas são menos perceptíveis devido a sua convencionalidade dentro do léxico, da semântica e dos aspectos gramaticais.

Com um *corpus* ainda indefinido, foram trabalhadas aqui duas fontes de dados distintas, apenas a título de exemplificação. Sob a justificativa de verificar a linguagem usada para exteriorizar as expectativas do sujeito, escolheu-se um *corpus* oral de fala espontânea: o C-Oral-Brasil (RASO, MELLO, 2012). E sob a justificativa de analisar a linguagem sobre os efeitos das expectativas no sujeito, escolheu-se um *corpus* de livros de autoajuda com temática voltada para ansiedade, temor, preocupação, expectativa etc.

Alguns procedimentos específicos foram tomados para as duas divisões de dados. No *corpus* de autoajuda, foram pesquisadas unidades lexicais metafóricas de movimento em expressões sobre emoções de expectativa. Isso ocorre nas sentenças a seguir:

- (3) *Enfrentando* o medo com um passo de cada vez.
- (4) As emoções de Tereza estão *fora de controle*.

Nesses exemplos, existem unidades lexicais consideradas metafóricas pela Teoria da Metáfora Conceptual: “enfrentando” e “fora de controle”. Por maior que seja o grau de convencionalidade dessas metáforas, é possível recuperar o seu status metafórico tomando certos procedimentos. Não seria possível afirmar que alguém estivesse frente a frente com o medo de maneira literal, tendo em vista que o medo é uma entidade não física (exemplo 3). Tampouco, que as emoções estejam fora de controle, por acaso as emoções são matéria quantificável suscetível de movimento do ponto de vista literal? (exemplo 4).

Referindo-se ao 1º *corpus*, alguns procedimentos foram adotados: a) identificação de veículos metafóricos conforme a prescrição sugerida pelo Grupo Pragglejaz (2007); b) anotação apenas dos casos relativos a emoções de expectativa; c) identificação apenas das metáforas de movimento, considerando que se trata de um dos domínios mais frequentes; e d) análise do movimento segundo a tipologia de Zlatev, Blomberg e David (2010).

A identificação de metáforas pelo método do Pragglejaz (2007) indica que uma série de medidas foi utilizada, sendo a principal das medidas a comparação entre o significado contextual e o significado básico. A partir disso é que se pode dizer que determinada unidade lexical é um *veículo* metafórico. Medida que advém do princípio básico da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF, JOHNSON, 1980): um *domínio fonte*, mais básico e mais concreto, serve de parâmetro para o *domínio alvo*, menos concreto e mais abstrato.

Quanto ao padrão de movimento, segue-se a proposta de Zlatev, Blomberg e David (2010), que trabalham com três categorias principais de análise do movimento: a *translocação*, que se baseia em relações dinâmicas com *frame* de referência; a *delimitação*, quando X (figura¹) sofre um estado de transição que subentende o esquema imagético de TRAJETO (LAKOFF, 1987); e a *causatividade*, critério para indicar se uma figura se move sob uma influência externa ou própria.

Referindo-se ao 2º *corpus* (de fala espontânea), outros procedimentos foram adotados. Uma das constatações em Costa Jr. (2014) foi a relação do conceito de ansiedade com os conceitos de expectativa, de temor e de almejo, o que indicou a possibilidade de demarcação do campo semântico. Campo semântico que pode ser abordado por expressões mais específicas, como aquelas sugeridas por Cagliari (2015): “espero que”, “aposto que”, “tomara”, “quer que” etc. Tais expressões puderam ser utilizadas como *tokens* para a base de dados eletrônica do *corpus*. Em suma, os procedimentos podem ser elencados como: a) seleção de *tokens* com base em Cagliari (2015) e Costa Jr. (2014); b) aplicação dos *tokens* na base dados do C-Oral-Brasil; e c) análise dos segmentos do *corpus*.

¹ “Figura” é um termo utilizado pelo grupo de pesquisa de Lund. Possui origem nas abordagens de Langacker (1987) sobre trajectora, que se origina, por sua vez, nas análises de figura/fundo da psicologia Gestalt.

Análise

As fórmulas de expectativa mencionadas no início indicam a possibilidade futura como elemento necessário à emoção. No entanto, a materialidade dos exemplos linguísticos do 1º *corpus* foi representada principalmente por verbos no presente e no passado. O que demonstra que o nosso objeto não tem a ver com conjugação gramatical de futuro, mas com efeitos de eventos não factuais no sujeito. A maneira como a expectativa foi percebida constatou aproximadamente 50 *metáforas de emoção-movimento*. Um número superior a 20 metáforas nos dados do *corpus* em língua inglesa, e um número superior a 25 metáforas nos dados em língua portuguesa. Todas subscrevendo a hipótese da metáfora EMOÇÃO É MOVIMENTO². As metáforas identificadas foram dispostas no *quadro 1*.

Quadro 1: F = Figura, C = Causa, PR = Ponto de Referência, Ø = Expressão em que o equivalente na língua comparada não está vinculado ao domínio do movimento.

	Automovimento	Movimento Causado
+Transloc/+Delimit	F está fora do PR F entra em PR	C mobiliza F para PR C arremessa F para PR C antecipa F
	F gets stuck in PR	C mobilizes F to PR C stops F in PR
+Transloc/-Delimit	F se dissipa F aperta F vem em ondas	C enfrenta F C toma conta de F C assalta F C esmaga F
	F tightens F comes in waves	C faces F C overwhelms F

² Tradicionalmente a Linguística Cognitiva utiliza o padrão em CAIXA ALTA para se referir a metáforas conceptuais e a domínios cognitivos.

-Transloc/+Delimit	F dispara	C coloca F em
	F vai longe	C sopra F para longe
	F fica longe	C transpõe F
	F runs wild	C overtakes F
	F races	C blows F away
	F goes too far	
-Transloc/-Delimit	F se acelera	C machuca F
	F tremula	C freia F
		F está sob pressão (∅)
		F está agitada (∅)
	F quickens	F is tensioned
		C hurts F
	C handles F (∅)	

As metáforas estão representadas nos dados com alguns dos exemplos a seguir:

(5) *Entrou em desespero.*

(-Caus, +Trans, +Delimit)

(6) [a ansiedade] *mobiliza* seu corpo *para* emergências.

(+Caus, +Trans, +Delimit)

(7) Tontura, medo e uma sensação de afobação *tomam conta* dela.

(+Caus, +Trans, -Delimit)

(8) sua ansiedade *foi longe* demais.

(-Caus, -Trans, +Delimit)

(9) She notices a slight *tightening in* her chest.

(-Caus, +Trans, -Delimit)

(10) The fear is *overwhelming*.

(+Caus, +Trans, -Delimit)

(11) emotions often *hurt*.

(+Caus, -Trans, -Delimit)

O realismo corporificado permanece um paradigma mediante essa análise preliminar, de maneira a constatar que a experiência corpórea é um padrão subjetivo da compreensão do movimento no mundo. Os exemplos em inglês possuem maior caráter de delimitação que os exemplos do português, isso quando se comparam proporcionalmente aos demais exemplos da mesma língua.

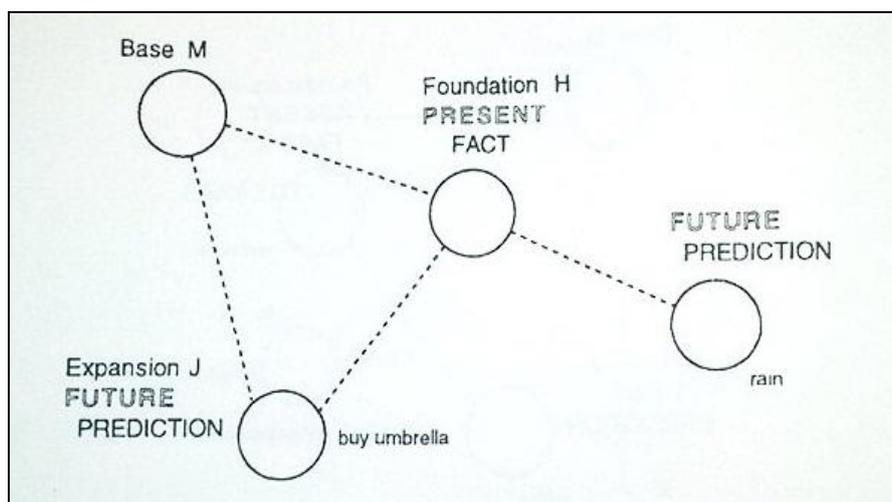
A busca por marcas da expectativa na linguagem encontrou em construções subordinativas um campo fértil. De maneira que as expressões inspiradas em Cagliari (2015) e em gramáticas normativas do português seriam dispostas como *tokens* no *corpus* eletrônico: “aposto que”, “tomara”, “penso que” etc. Distinguindo-se do *corpus* anterior, que era repleto de exemplos no modo verbal indicativo, as expressões do 2º *corpus* levam a exemplos conjugados principalmente no modo verbal subjuntivo. O modo subjuntivo é responsável por exprimir desejo, hipótese e dúvida e, por isso, encontra convergência no nosso objetivo inicial de descrever os objetos não factuais baseados no tempo. Por critério analítico, emprestamos de Fauconnier (1997) o termo “elemento fictivo”, mas utilizando-o aqui de maneira mais abrangente: para remeter a qualquer evento/objeto não factual de possibilidade futura. Dispostos os *tokens* na base dados, os resultados se apresentavam de maneira similar ao *quadro 2* para cada *token* utilizado.

Quadro 2: resultados dos *tokens* “quer” “que”

27 ocorrências.
Concordância Procura: "quer" "que".
<p>: Cê quer que fazer de cabeça, ou quer que eu faça .
<p>: Cê quer que fazer de cabeça, ou quer que eu faça .
<p>: Cê me deu, quer que eu dou pra ela .
<p>: Ela ainda quer que cê, tenha filhos, com uma mulher .
<p>: O'S, se o Antônio Carlos n quiser que eu vou lá nem po Vardir, então e ' quer que eu vou embora, então .
<p>: senhora quer que põe comida pra senhora, mãe // TIT
<p>: quer que põe comida pra senhora // CAR
<p>: quer que eu tire po sior // TIT

Sendo um fenômeno já bastante descrito por estudiosos da língua, coube a este trabalho apresentar uma contribuição sociocognitiva para compreensão dos exemplos do subjuntivo. Os indicadores de expectativa parecem acionar um *frame* de pensamento, algo que pode ser descrito pela Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1997). Essa teoria trabalha com mapeamentos de espaço mental que se conectam entre si para gerar sentidos, fazendo conexões que lembram recursos de esquemas imagéticos³ de RELAÇÃO e de ORIGEM-TRAJETO-META. Os espaços mentais necessitam de relações coerentemente lógicas entre si, a fim de que os espaços estejam em dependência semântica com o espaço base. Um dos muitos exemplos trabalhados por Fauconnier diz respeito ao futuro baseado em outro futuro, como ocorre com o exemplo fornecido em língua inglesa: “*if it rain tomorrow, then we will buy an umbrella today / se vai chover amanhã, então compraremos um guarda-chuva hoje*”. Exemplo que se representa no *quadro 3*:

Quadro 3: espaços mentais de futuro com dois eventos não factuais

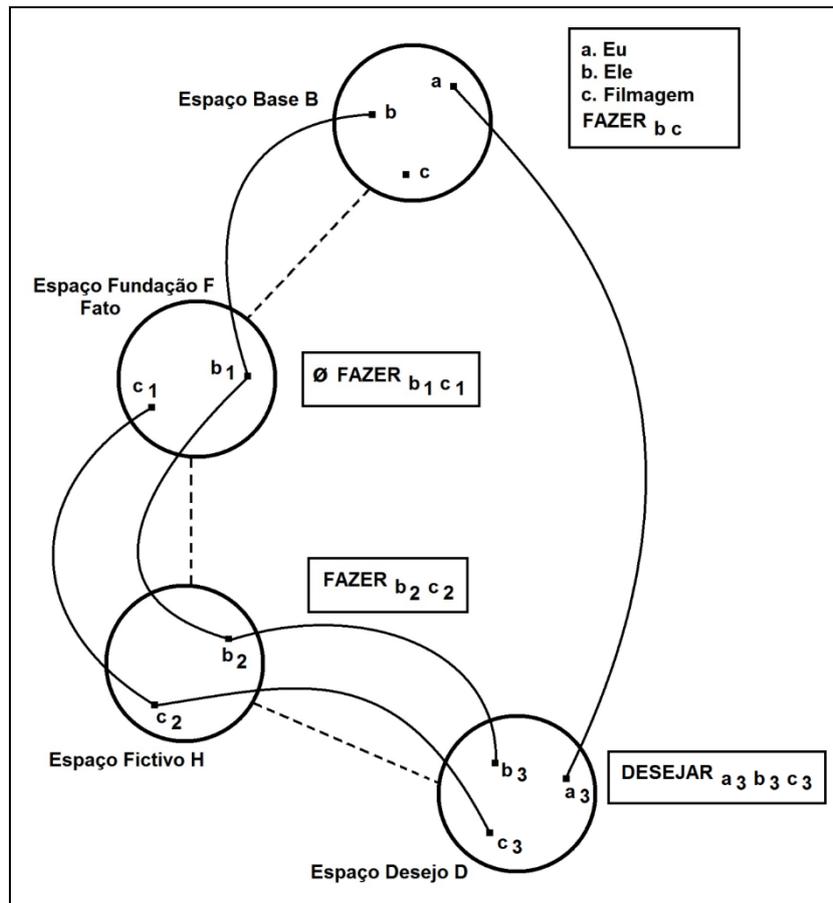


A partir disso, averiguamos o evento fictivo necessário à maioria dos exemplos do 2º *corpus*. Quando esmiuçados em representações de espaços mentais, grande parte dos segmentos analisados assemelha-se ao exemplo da sentença (12), que será pormenorizada no *quadro 4*.

(12) Tomara que ele faz é filmagem depois (sic)

³ Para melhor compreensão dos esquemas imagéticos, cf. Lakoff (1987) e Johnson (2007).

Quadro 4: representação de espaços mentais da sentença (12)



As associações mentais requerem um espaço base B que contenha todas as entidades e ações envolvidas. A partir de um conjunto com elementos devidamente conhecidos, parte-se para o espaço mental factual da realidade presente, espaço F onde o elemento “ele” (b_1) do espaço base está em disjunção com elemento filmagem (c_1), ou seja, $\neg F_{b_1c_1}$; em seguida, forma-se o espaço do evento fictivo em que o elemento b_2 (ele) alcança o objetivo de fazer c_2 (filmagem), ou seja, $F_{b_1c_1}$; para então, a partir desses três espaços, haver o espaço do desejo D , em que a_3 deseja que b_3 faça c_3 , ou $D_{a_3b_3c_3}$.

A sentença (12) remete a outro fenômeno já muito comentado por estudiosos da língua, mas pouco abordado nos estudos cognitivos: a ocultação da desinência do modo subjuntivo. A recorrência do fenômeno gerou o interesse em contabilizar a totalidade dos casos presentes até aquele momento da pesquisa. Podendo-se afirmar que em 26% dos segmentos observados no 2º corpus houve a ocultação da desinência de subjuntivo, conforme demonstra a distribuição dos *tokens* no quadro 5.

Quadro 5: casos de ocultação da desinência de subjuntivo

“tomara” “que”	50%
“quer” “que”	66%
“quero” “que”	12%
“espero” “que”	10%
“espera” “que”	0%
“aposto” “que”	0%
“vontade” “de”	0%
“medo” “de”	0%
Total:	26%

Conclusões parciais

Esta pesquisa ainda apresenta-se em uma fase preambular, fase que se requer melhor homogeneização dos dados e dos objetivos específicos. Os *corpora* analisados neste trabalho demonstram pouca relação entre si, pois foram apresentados apenas como exemplificação do potencial descritivo do tema proposto. No entanto, é possível obter algumas conclusões parciais sobre os dados, tais como:

- Ao observar as dezenas de metáforas de emoção-movimento, identificadas no 1º *corpus*, o padrão de movimento para o português apresentou maior concentração nos tipos (+) causado, (-) translocativo e (-) delimitado. Com um *corpus* ampliado seria possível verificar se essa tendência se mantém e revela um padrão prototípico.

- As metáforas de movimento do inglês apresentaram padrão de delimitação igualitário ou de valor (\pm), demonstrando um pequeno ponto de diferenciação entre o português e o inglês. Ao mesmo tempo em que reafirma a constatação de Talmy (2000), que dizia que a língua inglesa possui a tendência a lexicalizar o movimento no satélite, mesmo que no 1º *corpus* essa tendência tenha sido de 50% dos casos.

- A tipologia de Zlatev, Blomberg e David (2010) demonstra-se um recurso mais fiável para mensurar a universalidade de metáforas de movimento em culturas distintas. Podendo, inclusive, ser útil em teorias de tradução.

- A analogia da encomenda, presente no trabalho de Costa Jr. (2014), traduz-se como “elemento fictivo” visualizado no horizonte temporal, sendo um elemento necessário a eventos futuros ou possíveis.

- A fictividade é necessária a qualquer noção de futuridade ou de hipótese com prospecção, e é no modo verbal do subjuntivo que a ideia do fato prospectivo está mais

comprometida com as emoções dos sujeitos. Trata-se, aqui, de uma ideia a ser verificada, já que é sempre possível perceber emotividade em qualquer modo verbal.

- A ocultação da desinência de subjuntivo foi um fenômeno não previsto nas perguntas de pesquisa. À primeira vista o uso do presente do indicativo pode parecer uma refutação que contradiz a fórmula apresentada em (2), já que a ideia de possibilidade futura desapareceria. Mas os espaços mentais demonstram que o presente do subjuntivo ainda está ali, mesmo que não desinencialmente. Uma provável explicação estaria na lei do menor esforço cognitivo de Rosch (1978), sendo esse esforço demonstrável pela teoria de espaços mentais (*quadro 4*): há uma menor distância entre as conexões do espaço *B* até o espaço *H*, levando em consideração que a desinência verbal do subjuntivo necessitaria do espaço *D*, que é o espaço mais elaborado e comprometido com as emoções do falante.

Os resultados obtidos até o momento visam a uma melhor descrição da noção de expectativa na linguagem, a fim de que, ao final, seja possível esboçar uma forma de operacionalizar a expectativa nos estudos linguísticos, devolvendo à emoção o caráter de primordialidade na cognição humana.

Referências

CAGLIARI, L.C. *Aspectos cognitivos da ideia de expectativa*. In: *Anais do I Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição: I LINCOG*. GONÇALVES-SEGUNDO et. al. (Org.). São Paulo: FFLCH/USP, 2015, p.125-133.

COSTA JR. D.F. *O modelo cognitivo idealizado da ansiedade e suas materializações na linguagem*. 184f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

DIENSTBACH, Dalby. *Metaforicidade: um aspecto do gênero*. *Fórum Linguístico*. Florianópolis: UFSC, 2017 (no prelo).

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 299f. Tese (Ph.D. in Linguistics) - University of California, Berkeley, 1997.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: The University Chicago Press, 2007.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JONHSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Volume I, theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara. Introducing conceptualizations of time. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. *Conceptualizations of time*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. ix-xxi.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*. v.22, n. 1, p.1-39, 2007.

RADDEN, Günter. The Metaphor TIME AS SPACE across languages. In: BAUMGAR-TEN, Nicole; BÖTTGER, Claudia; MOTZ, Marcus; PROBST, Julia (Eds.). *Überstezen, Interkulturelle Kommunikation, Spracherwerb und Sprachvermittlung – das Leben MIT mehreren Sprachen. Festschrift für Juliane House zum 60. Geburtstag. Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachunterricht*, 8 (2/3). p. 1-14, 2003.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. *C-ORAL-BRASIL 1: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>> Acesso 30 jul. 2016.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYDE, Barbara B. (Eds.) *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27-48.

SEARLE, John R. *Intencionalidade*. Trad. Julio Fischer, Tomás Rosa Bueno. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics, Volume I: Concept structuring systems*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

ZLATEV, Jordan; BLOMBERG, Johan; DAVID, Caroline. Translocation, language and the categorization of experience. In: EVANS, V.; CHILTON, P. (Eds.) *Language, space and cognition*. p.389-418. London: Equinox, 2010.

Crédito das imagens:

Quadro 1: Elaboração do autor

Quadro 2: Corpus C-Oral-Brasil

Quadro 3: Fauconnier (1997, p. 86)

Quadro 4: Elaboração do autor

Quadro 5: Elaboração do autor